O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

5.º ANNO | 8 DE MAIO DE 1882 | VOL. V — N.º 122

COMMEMORAÇAO DO CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL

I MARQUEZ DE POMBAL (Segundo um quadro da epoca

PROPRIEDADE DO MUNICIPIO DE LISBOA

120

ASSIGNATURA D'ESTE PERIODICO

PARA 1882

Preços da assignatura franco de porte:

CONTINENTE DE PORTUGAL E ILHAS

Anno ou 36 numeros	3$800
Semestre ou 18 numeros	1$900
Trimestre ou 9 numeros	$950

POSSESSÕES ULTRAMARINAS

Anno ou 36 numeros	4$000
Semestre ou 18 numeros	2$000

ESTRANGEIRO, UNIÃO GERAL DOS CORREIOS

Anno ou 36 numeros	5$000
Semestre ou 18 numeros	2$500

BRAZIL (MOEDA FRACA)

Anno ou 36 numeros	15$000
Semestre ou 18 numeros	7$500

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, o centenario, GERVASIO LOBATO — O Marquez de Pombal, Z. CONSIGLIERI PEDROZO — A estatua equestre de El-rei D. José I R. — O Marquez de Pombal, exilio e morte, J. B. — Os primeiros amores do Marquez de Pombal, LEITE BASTOS.

GRAVURAS. — O Marquez de Pombal — Estatua equestre de D. José I na praça do Commercio, em Lisboa — Palacio do Marquez de Pombal, em Oeiras — A villa de Pombal — Casa onde falleceu o Marquez, na villa de Pombal — Caixão onde se guardam os restos do Marquez de Pombal, na capella de Nossa Senhora das Mercês, em Lisboa — Fac-similes do Marquez de Pombal — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

O CENTENARIO

Por toda a parte festas; as ruas da baixa, essas ruas planeadas pelo marquez de Pombal depois do terramoto estão completamente transformadas; as bandeiras tremulam em mastros enfeitados com buxo, os arcos de gaz formam enormes tuneis de luz d'um effeito phantastico, os coretos para musicas erguem-se a cada canto; a multidão acotevella-se n'uma animação estranha; ha um movimento ruidoso perfeitamente anormal na nossa vida pacata de todos os dias, um grande ar de festa alegra a nossa cidade de ordinario tristonha, a nossa população sorumbatica, é que Lisboa prepara-se para uma grande solemnidade nacional, para uma grande festa de paz e de justiça, para o centenario do marquez de Pombal.

A iniciativa d'essas festas tomou-a a mocidade academica da capital: Lisboa respondeu logo ao appello d'essa forte geração das escolas, que fez do marquez de Pombal um symbolo de liberdade, e o paiz todo encarando sob o mesmo ponto de vista o grande e severo ministro de D. José, trouxe a sua nota festiva para que o centenario do marquez de Pombal fosse mais do que a festa da cidade que elle reconstruiu, fosse uma festa da nação.

De todos os pontos do reino chegam noticias das solemnisações parciaes d'essa grande data commemorativa: o Porto, mais activo que Lisboa, que até ás horas em que escrevemos ainda não apresentou o programma das festas, enviou já para todo o paiz o programma brilhante dos festejos ruidosos com que commemora o centenario do marquez de Pombal; Aveiro, apesar de terra mais pequena, apresenta tambem umas festas esplendidas, inaugura n'esse dia o monumento ao seu filho mais illustre, a José Estevão, faz coincidir com essa festa local, a abertura da sua rica exposição districtal, uma exposição organisada com todo o esmero, com todo o amor, com toda a intelligencia e em que a arte ornamental antiga portugueza figura distinctamente, Vizeu, Thomar, Setubal, Oliveira d'Azemeis, Alcacer do Sal, que sei eu, mesmo as pequenas aldeolas, festejam com enthusiasmo a memoria do grande ministro de D. José.

E para que nada falte a essa festa, para que não haja duvidas sobre a significação liberal d'este centenario, para que se accentue bem que a homenagem á memoria do marquez de Pombal, representa unicamente a sagração d'um grande homem, abstraindo d'elle completamente os erros e as tyrannias do ministro, d'um estadista audaz que lutou frente a frente com os dois grandes inimigos da civilisação moderna, a ignorancia e o fanatismo, creando 300 escolas e expulsando os jesuitas, para que a grande significação liberal e moderna d'este centenario ficasse bem definida na historia de hoje, até a reacção e o clericanismo vieram trazer á festa o seu protesto violento e impotente.

Esses protestos cuja linguagem desbragada excede tudo o que de mais violento se tem escripto na nossa terra ha muitos annos, são, com o seu estylo apopletico a demonstração frisante e eloquente da significação que tem o centenario do marquez de Pombal.

N'estes momentos grandiosos da vida dos povos, a homenagem prestada aos seus grandes homens não quer de modo algum dizer a approvação completa, absoluta, a todos os actos da sua vida.

Se fosse assim Portugal não faria o centenario do ministro de D. José, e raros povos glorificariam os seus grandes homens.

E' preciso vêr os homens no seu meio e estudal-os no seu tempo; e quando na historia d'uma nação um vulto toma as proporções gigantes de Sebastião José de Carvalho e Mello, quando a sua obra marca epocha n'essa historia; quando os seus erros, os seus desvarios, mesmo os seus crimes, ficam escondidos nas trevas da luz enorme que esse homem espalhou emtorno de si e que illumina um seculo inteiro, um povo cumpre o mais santo dos seus deveres civicos glorificando esse concidadão illustre que no seu tempo tanto se elevou acima dos maiores, fazendo como nação a apothese do seu grande homem no que elle teve de grande, de sublime, deixando ao historiador a critica severa, minuciosa do que elle teve de pequeno, e de mesquinho, de homem, em summa.

Portugal comprehendeu perfeitamente esse dever e cumpre-o briosamente, brilhantemente.

* * *

Demorámos até á ultima hora esta nossa chronica para cumprirmos a nossa promessa do numero anterior: — fazer a historia summaria e rapida das festas com que Lisboa solemnisa o centenario do marquez de Pombal.

Apesar d'essa demora não podemos cumprir a nossa promessa.

A hora em que escrevemos ainda não se sabe nada de certo, de definitivo sobre essas festas: — até este momento o programma d'ellas ainda não appareceu.

Sabe-se pouco mais ou menos quaes são os festejos preparados, mas a ordem d'esses festejos é um segredo d'estado, muito mais que um segredo d'estado, porque ordinariamente esses toda a gente os sabe logo, e a ordem dos festejos estamos quasi acreditando que ninguem o sabe ainda.

Não chegamos a comprehender o que significa esta ausencia completa de programma, e a quem pertencem as culpas.

Escrevemos na madrugada de sabbado e ignora-se ainda em publico, se as festas começam d'aqui a horas, e são no sabbado, domingo e segunda, como no Porto, se no domingo, segunda e terça, se na segunda terça e quarta, se quando são.

Comprehende-se facilmente o que esta incerteza prejudica o brilho e a animação de todas as festas.

Nas provincias esperava-se esse programma para vir a Lisboa assistir ás festas. Assim como hade cada qual sahir de sua casa para vir á capital ver umas festas que se não sabe quando serão e como serão. Em Lisboa originam-se duvidas e questões.

Por exemplo os moradores da rua do Ouro, cotisaram-se para illuminar a rua na certeza de que essa rua a primeira, cremos, reconstruida pelo marquez de Pombal, seria uma d'aquellas por onde o cortejo civico passava.

De repente, á ultima hora, consta, por boato, simplesmente, porque definitivo nada ha por emquanto, que o cortejo não passa pela rua do Ouro. Os moradores d'essa rua protestaram logo, sentindo derepente esfriar o seu enthusiasmo pelos festejos do centenario.

Dizia-se, e comprehendia-se, que o cortejo passaria em frente do edificio da camara municipal, da camara que representa a cidade reconstruida pelo marquez de Pombal, a sua grande obra: á ultima hora corre que o cortejo civico não passa pela camara munipal.

Dizia-se que havia uma grande parada na Avenida da Liberdade: diz-se agora que não ha parada: dizia-se ao principio que o cortejo civico iria á Avenida da Liberdade, depor uma corôa no local escolhido para se erigir o monumento ao marquez de Pombal, depois nunca mais se fallou n'isso, agora no ultimo momento torna a fallar-se.

E ninguem sabe entre todos estes boatos differentes, qual d'elles é o verdadeiro, ninguem sabe como são as festas, e isto no momento em que mesmo não se sabe se ellas começarão amanhã.

É ou não é realmente extraordinario tudo isto?

No meio d'esta confusão de noticias contradictorias e de falta de noticias authenticadas, comprehendem a impossibilidade absoluta em que estamos de fazer hoje uma chronica das festas do centenario.

Entretanto diremos o que se sabe a respeito d'essas festas isoladas, o que equivale a pegar n'umas notas de musica quaesquer, e escrevel-as á toa, ao acaso, n'um papel, sem lhe poder dar a ligação que as transforma em melodia.

Comecemos pelas festas officiaes.

Ha um dia de gala: segunda feira. N'esse dia far-se-ha a inauguração do monumento ao marquez do Pombal, com a assistencia d'el-rei.

O local escolhido para esse monumento é no limite extremo dos terrenos por emquanto trabalhados para a Avenida da Liberdade, para lá da antiga travessa da Natharia, nas terras chamadas até agora terras de Andaluz.

É ahi que está armado um pequeno pavilhão para el-rei assignar o auto d'inauguração, e a avenida está já transitavel e aberta ao publico desde a praça d'Alegria até esse ponto, atravessando pelo local onde ficava o Circo de Price, e o velho theatro do Salitre.

Parece que n'esse mesmo dia, dia 8, o anniversario da morte do marquez de Pombal, é que se realisa tambem a procissão civica, mas dizem-nos que a demora na confecção do programma, provém justamente d'essa coincidencia, porque a commissão dos festejos insta com o governo para que as duas festas não sejam no mesmo dia, no que se prejudicariam uma á outra.

Este cortejo civico cujo itenerario não está ainda fixado officialmente percorrerá, com os seus carros emblematicos, como os do centenario de Camões, e com a representação de todos as corporações e classes, as ruas da baixa construidas pelo marquez de Pombal, passando primeiro em frente do medalhão do marquez no monumento da Praça do Commercio, e indo depois coroar um busto que estará collocado na fachada do theatro de D. Maria para o Rocio.

Uma das festas e a mais brilhante de certo será o passeio fluvial á noite com barcos illuminados a fogos de bengala, archotes, musicas e cantos orpheonicos até Oeiras. Em que noite? Oh! ceus quem o saberá?

A commissão academica organisou tambem uma exposição artistica nas salas da Escola Polytechnica, que se inaugura no sabbado 6.

As festas nocturnas na cidade serão:

Illuminações nas ruas da baixa das quaes a mais brilhante será com certeza a da rua da Prata, que consiste em arcos de illuminação a gaz, collocados a curtissima distancia e em toda a extensão da rua.

A illuminação da rua dos Fanqueiros está feita sob o mesmo plano, mas é menor o numero dos arcos.

As illuminações da rua do Ouro e rua Augusta serão muito menos brilhantes de que as do centenario de Camões, e limitam-se apenas a um renque de candelabros de gaz de cada lado da rua.

O Rocio está todo illuminado em redor da praça com festões de gaz, que fazem bello effeito.

A rua do Amparo, a Mouraria, Arco do Marquez d'Alegrete rua Nova da Palma, estão todas embandeiradas e cheias d'arcos de lona e de bucho.

A entrada da calçada do Carmo está enfeitada tambem com festões de relva.

As ruas Novas do Almada e do Carmo, estão ladeadas de mastros com tropheus e com candelabros de gaz.

A porta do Lyceu Nacional tem um arco de lona e está adornada com tropheus e festões de verdura.

Em varios locaes ha coretos para de noite tocarem philarmonicas.

No theatro de D. Maria ha na segunda feira 8, recita de gala, a que assiste a familia real na tribuna grande.

N'essa noite representa-se como commemoração nacional do grande ministro de D. José I, a explendida comedia de Garret a *Sobrinha do marquez*, de que é protogonista o marquez de Pombal.

E aqui tem a correr, desmanchadamente, as notas que poude alcançar sobre os festejos do centenario, sem contar uma immensidade de bo-

dos e de conferencias e de pequeninas festas mais ou menos particulares, que se annunciam em Lisboa. As notas estão aqui, falta o programma para as pôr por ordem, para compor com ellas o hymno que Lisboa de 1882, entoa á memoria d'aquelle que a reconstruiu em 1755.

Já duas vezes a imagem musical caiu dos bicos da minha penna: estou realmente envergonhado, e vou esconder o meu santo rubor entre a multidão que anda a ver as festas, promettendo-lhes solemnemente, já que lhes não poude dar o programma d'ellas antes... dar-lh'o depois.

Gervasio Lobato.

O MARQUEZ DE POMBAL

Depois do centenario de Camões era justo, que Portugal celebrasse o centenario do marquez de Pombal. Estes dois nomes — o do poeta e — o do estadista — symbolisam por si sós com effeito os dois momentos mais culminantes da nossa vida historica, os dois unicos instantes, em que saindo do isolamento, que sempre nos caracterisou como nação, nós andamos a par da Europa, ou a ella nos adiantámos nas mais extremadas conquistas da civilisação e do progresso.

Se na tradição historica portugueza, porem, estes dois anniversarios estão naturalmente reunidos pelo espirito que anima a sua dupla recordação, nem por isso o caracter d'elles deixa de ser diverso, e o sentimento que ambos despertam em espiritos despreoccupados bastante differente. No centenario de Camões festejava-se o cantor das nossas glorias maritimas, evocava-se toda essa epopea de feitos heroicos, maiores que os de Cesar, ou de Alexandre, e que iam deixar escripto em lettras de oiro por todos os continentes o nome portuguez. Então, no vigor, do que bem podemos chamar ambiciosa juventude, Portugal não encontrára ainda horisonte que lhe limitasse as esperanças, nem percebera ainda o imperceptivel declinar da estrella, que em breve baixaria a ponto de deixal-o correr sem norte a uma rapida ruina. Da epoca de Pombal, pelo contrario, percorrido o cyclo de todas as desditas, esgotado até á ultima gota o calix de todas as humilhações, sómente podemos relembrar o esforço titanico de um homem, para arrancar a nação moribunda ao lethargo que a entorpecia...

Eis porque pela propria natureza das cousas, os dois centenarios inspiram tão encontradas reflexões.

O que significa o marquez de Pombal na nossa historia? Responder a esta pergunta, é justificar o motivo que levou Portugal, passado um seculo, a inscrever-lhe o nome no livro dos seus filhos benemeritos.

Para bem comprehender a influencia que o marquez de Pombal exerceu na nossa sociedade é mister estudal-o, não isoladamente, e em face de idéas e principios que não pertencem ao seu tempo, mas no meio historico, quer nacional, propriamente dito, quer europeo, em que elle teve de desenvolver a sua actividade de ministro reformador.

Comecemos pelas circumstancias em que Portugal se encontrava. Do meiado do seculo xvii ao meiado do seculo xviii a decadencia da nacionalidade portugueza accentuára-se de um modo espantoso. A restauração de 1640, que por um momento se suppozera ser o signal de uma fecunda regeneração, contribuira pelo contrario para aggravar a nossa situação interna em virtude das guerras que tivemos que sustentar para fazer reconhecer a independencia reconquistada. Chefes de estado de capacidade governativa menos do que mediocre, acabaram de tornar irremediavel a decadencia. De modo que, ao subir ao throno o herdeiro de D. João V, a nação apresentava o triste espectaculo de uma quasi completa desorganisação administrativa, financeira, economica e governativa.

Sem marinha, sem exercito, sem industrias, sem agricultura e sem instrucção, nem podiamos preparar os elementos indispensaveis ao nosso progredir, nem tinhamos força para fazer respeitar o nome nacional apenas lembrado para ser escarnecido por aquelles mesmos a quem nós iniciáramos a uma vida nova! N'estas condições começou a governar em nome de D. José o marquez de Pombal, então simplesmente Sebastião José de Carvalho e Mello. Paraphraseando o celebre dito de Siyés pode bem perguntar-se: « O que era a nação n'esse tempo? Nada. Que fez d'ella o grande estadista? Tudo. E esta é a resposta que dá a historia imparcial.

O marquez de Pombal fez tudo. Fomentou a agricultura, fundou a industria, reorganisou o exercito, regenerou a marinha, organisou a instrucção ou melhor creou verdadeiramente os estudos no paiz na sua triplice cathegorica — primaria, secundaria e superior, fez respeitar a bandeira de Portugal pelas primeiras potencias da Europa, reedificou a cidade de Lisboa arrasada por espantoso cataclismo, e nos momentos que estas diversas occupações lhe deixavam livres teve ainda tempo para luctar com a poderosa companhia de Jesus que conseguiu expulsar do reino, e com a alta aristocracia portugueza, que humilhou e venceu no cadafalso de Belem.

N'esta rapida enumeração está desenhada a mais assombrosa actividade do seculo xviii. Pombal é effectivamente um representante, — mas com certeza o maior — d'essa revolução tão profunda e tão complexa que desde os meiados do seculo passado estava agitando na Europa, todas as classes e todos os dominios do pensamento; as sciencias, a philosophia, e as letras; a diplomacia e a politica; que estava finalmente allucinando os povos e os reis. Porque esta revolução ora se manifesta no seio das massas a crear um direito novo, como aconteceu na emancipação americana e em 1789 na França; ora apparece por um momento a abalar os thronos, que n'essa hora solemne sentiram o desejo reflectido ou inconsciente de se collocarem á frente do movimento, — o que teria sem duvida evitado grandes males, se houvessem deixado successores Choiseul, o ministro de Luiz xv, Aranda, o ministro de Carlos iii, Pombal, o ministro de D. José, e até certo ponto os proprios soberanos José ii d'Austria e Catharina ii da Russia.

Mas Pombal é maior do que qualquer dos seus illustres rivaes e contemporaneos. Emquanto elles tiveram sem excepção, além de maiores recursos, a faculdade de limitarem a sua acção, restringindo-a a um certo numero de reformas apenas, o ministro portuguez foi por si só mais de que um ministerio inteiro, foi quasi que uma burocracia politica e administrativa completa. O seu potente cerebro era egualmente apto para elaborar o mais complicado plano politico ou diplomatico, e para ordenar a mais insignificante minucia de administração.

Para elle nem havia occupações menos dignas, nem reconheceo nunca o principio em virtude do qual a cabeça que pensa, deve estar distante do braço que executa. Pensador ou executor, ou antes pensador e executor a um tempo, não abandonava uma idéa desde que pela primeira vez elle a conhecera justa ou pelo menos conveniente, até ao momento em que a via traduzir-se no facto real, tornado positivo e palpavel pela mais completa applicação.

E' d'esta reunião de aptidões, cada uma das quaes bastaria por si só para tornar celebre um estadista, que resulta a superioridade incontestavel e incostestada do grande ministro de D. José.

Commetteu erros como administrador. Praticou talvez crimes abusando do seu illimitado poder politico. Mas que homem é de tal maneira superior ao seu seculo, que os não commette ou os não pratica quando collocado em identidade de condições? A historia não nos apresenta um unico. Marco Aurelio, o mais puro dos Antoninos, foi perseguidor dos christãos, e Constantino de quem a Egreja com razão venera o nome, não conseguio com o baptismo na derradeira hora lavar as manchas do sangue innocente que derramára.

Os principios de monopolio com que o marquez de Pombal redigiu muitos dos seus decretos, — os que mais odiosos hoje nos parecem, — não são d'elle, mas sim da sciencia economica do seu tempo, que ainda não aprendera a resolver pela liberdade e pela concorrencia, o que então se julgava apenas exequivel pelo mais estricto privilegio. Colbert, e toda a escola de economia politica que lhe dictára as reformas, não tinham ido mais longe e hoje mesmo, apesar da sua justiça theorica, ainda o ideal livre cambista está muito longe de poder inscrever-se como lei no codigo das nações.

Foi tambem o marquez de Pombal cruel em muitos dos seus actos, não ha duvida, por exemplo na execução dos Tavoras, que sempre terá para nós o condão de inspirar a mais profunda sympathia pelas victimas de uma politica implacavel. Mas ainda aqui é mister afferir esta crueldade, não pelos nossos principios humanitarios de hoje, mas pelos que vogavam n'aquella epocha, e que d'estes muito se distanceiam.

Em França por exemplo: o supplicio de Calas, que levou Voltaire a essa commovente campanha para a rehabilitação da innocencia, é mil vezes mais horrivel que as execuções de Belem.

E mesmo em Portugal não relaxava a Inquisição todos os dias ao braço secular numerosas victimas, accusadas de suppostos delictos contra a orthodoxia? E' evidente pois que na epocha em que taes crimes se commettiam sem revoltarem a consciencia publica e, o que mais terrivel parece, em nome de uma religião toda de amor e de paz, é evidente dizemos, que as execuções que o marquez de Pombal ordenou em nome da razão do estado e do que elle soppunha o interesse da nação, teem de ser julgadas tambem pelos principios de humanidade e justiça que eram guia n'esse tempo do publico de Lisboa e das outras cidades do reino, quando applaudia freneticamente a queima dos *herejes;* o que naturalmente attenua a taes execuções a criminalidade perante a historia, sem as absolver, é desnecessario dizer-se, em face da nossa consciencia de hoje.

Porque não logrou então o centenario do marquez de Pombal obter a unanimidade do centenario de Camões? Em parte pelas rasões que logo no começo d'este artigo annunciámos. Em parte por outra que vamos indicar.

Camões era um poeta. Pombal foi um estadista. Quer dizer, o auctor dos Lusiadas apparece-nos como o ideal da nacionalidade portugueza, no periodo mais brilhante da sua expansão historica. Ora diante d'este symbolo, envolto além d'isso como n'um resplendor pela aureola da inspiração poetica, não póde haver divergencias de opinião. Está demasiado longe e ao mesmo tempo demasiadamente alto para que d'elle nos chegue outra cousa que não seja o que é immortal, o que é divino como scintillação do genio. Quem se lembraria de ir hoje desentranhar da poeira dos archivos, pequenos senões que pódem lançar uma leve sombra no caracter do poeta? Pelo contrario, Pombal no desempenho da sua espinhosa missão, teve de esmagar interesses que são ainda de hontem, teve de abrir feridas que ainda hoje sangram, teve de passar por cima de considerações que ainda n'este momento se levantam para protestar. Quer dizer, Pombal apparece-nos, por um lado, ainda muito perto — apenas a um seculo de distancia — e pelo outro demasiadamente envolvido na lucta que elle travou com a sociedade do seu tempo, para que com a serenidade do julgador, todos nós possamos fazer-lhe a justiça que lhe é devida. Mas passe-se mais um seculo; e quando todas as antipathias, todos os odios e todos os rancores tiverem caido perante uma critica mais imparcial e mais equitativa, quando a geração de então tiver aprendido a ser mais justa com as gerações do passado que lhe prepararam o advento, nós estamos certos que Portugal procedendo á revisão do processo historico do marquez de Pombal, ha-de, sem descrepancia de um unico de seus filhos, saudar a memoria do grande homem que nos fins do seculo xviii, teve forças para abrir com pulsos de ferro um luminoso parenthesis no meio da profunda decadencia da nossa patria.

Z. Consiglieri Pedroso.

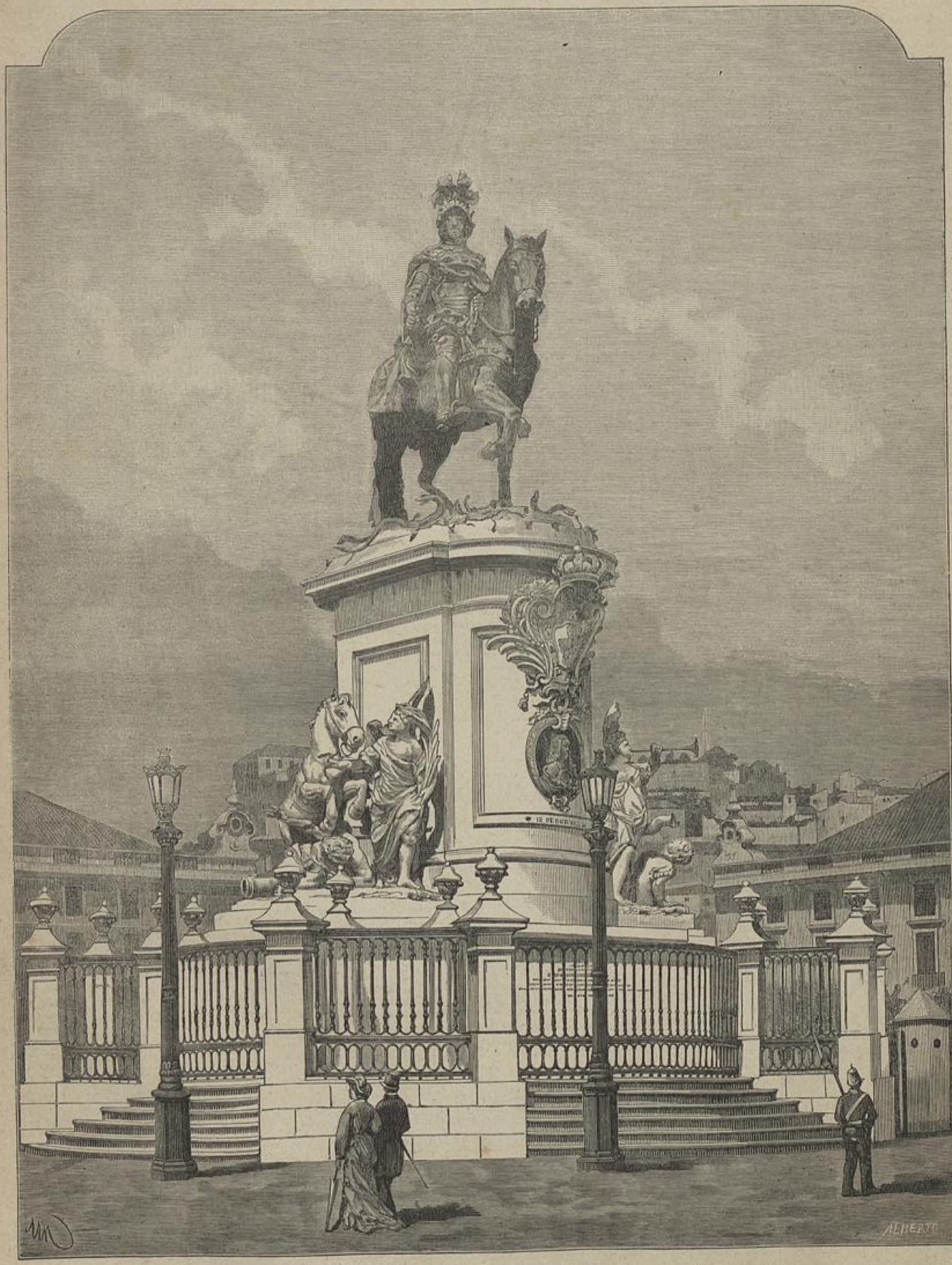
A ESTATUA EQUESTRE D'EL-REI D. JOSÈ I

Destruida Lisboa pelo terremoto do 1.º de novembro de 1755, tratou logo o ministro de D. José I de minorar, e apagar os effeitos d'esse estupendo cataclismo. As providencias tomadas por essa occasião, muitas d'ellas escriptas na rua, dentro da propria carruagem, formam o primeiro florão da corôa do 1.º marquez de Pombal.

Em seguida nomeou uma junta de obras para organisar e elaborar um plano de reforma e reconstrucção de Lisboa. O marquez assistia á maior parte dos trabalhos d'essa junta, composta de homens importantes, entre os quaes sobresaia pela sua aptidão especial, o brigadeiro Manoel da Maia, o auctor do aqueducto das aguas livres, e uma das maiores glorias da engenheria portugueza. Varios outros engenheiros coadjuvavam a junta na sua grandiosa missão, formando planos parciaes de edificios, de cortes, de aterros, de excavações necessarias para o complemento de tão importante obra.

Em breve os trabalhos começaram em larga escala, e o povo não sabia qual mais admirar, se a energia e actividade do ministro, que em poucos annos fazia desapparecer tão vastas ruinas, e levantar sobre ellas uma cidade bella, garbosa e pujante, se a facilidade com que elle sabia, sem vexames e sem violencias procurar os meios pecuniarios para occorrer a tão enormes despezas, não lhe esquecendo ao mesmo tempo a protecção dispensada ás artes, á instrucção e á industria.

No meio d'esse plano de reconstrucção destaca-se como uma concepção grandiosa a ma-

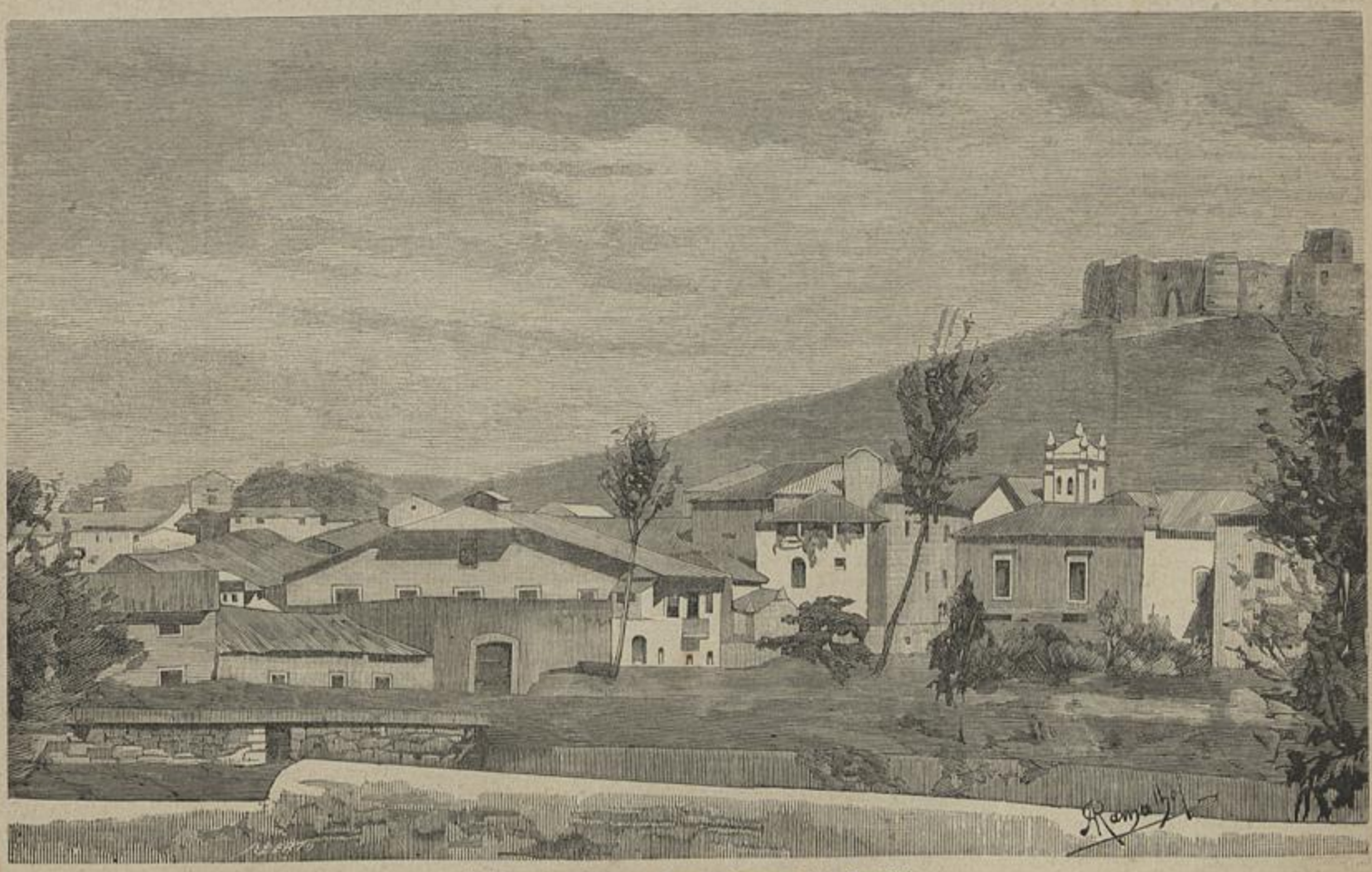


ESTATUA EQUESTRE DE D. JOSÉ I NA PRAÇA DO COMMERCIO, EM LISBOA

(Segundo uma photographia de Rochini)

EXILIO DO MARQUEZ DE POMBAL

Palacio do Marquez de Pombal, em Oeiras (Desenho do natural de A. Ramalho)



A Villa de Pombal (Desenho do natural de A. Ramalho)

gnifica praça do Commercio, a mais bella e notavel da Europa, pela sua vantajosa posição sobre o Tejo, e que o estrangeiro não póde deixar de admirar quando, ao desembarcar no seu caes, dá com os olhos n'aquelle vasto vestibulo, que uma terra bellissima tem patente para o receber.

Será pesada e monotona a architectura, será, mas tem certo cunho de grandeza, que revela que os homens que conceberam o plano eram na realidade grandes e fortes.

No meio d'essa praça delineou o grande ministro de D. José elevar um monumento ao seu soberano, assignalando assim aos vindoiros que fora no seu tempo, que a cidade, qual outra Fenix, rompera do fogo que a devorava, rejuvenescida e esbelta.

Foi incumbida a obra a Joaquim Machado de Castro, habilissimo esculptor natural de Coimbra, cujas obras estimadas, devem merecer aos nossos collectores um logar de honra.

Joaquim Machado de Castro entregou-se logo a esse trabalho, e depois de algum tempo, apresentou ao marquez dois projectos ou modelos, um em cera escura de um palmo de alto e outro de barro de quatro palmos de alto. Agradou ao marquez este projecto, e mandou immediatamente proceder á sua construcção. Para isso deu-se ao artista uma casa na Fundição, afim de poder trabalhar á vontade e fazer construir o modelo para a fundição da estatua, a qual devia ser de bronze. Feito este, seguiu-se a fundição que foi encarregada ao, então, tenente coronel Bartholomeu da Costa. O processo e execução de todos estes trabalhos acham-se expressos na obra — *Descripção analytica da execução da estatua equestre* etc., escripta pelo proprio Joaquim Machado, e em muitos outros livros de facil consulta.

Foi a 15 de outubro de 1774, que depois de preparado o grande molde, e reconhecida por varias experiencias a sua perfeita construcção, que foi fundida a estatua de um só jacto de bronze. Por tres semanas se não tocou n'aquelle colosso; ao cabo d'ellas começou o desmancho dos apparelhos, findo o qual se reconheceu não haver defeito algum na moldagem, tendo ficado a estatua tão perfeita, pela completa homogeneidade e pureza do metal, que não carecia de grande trabalho manual para a aperfeiçoar.

Este successo encheu de jubilo o marquez, que, para fazer constatar um facto tão importante, mandou expôr ao publico durante oito dias o colosso, afim de poder ser examinada a execução de tão importante obra por nacionaes e estrangeiros.

R.

(Continua)

O 1.º MARQUEZ DE POMBAL

EXILIO E MORTE

A 24 de fevereiro de 1777 fallecia el-rei D. José I, e subia ao throno pela primeira vez em Portugal uma senhora, D. Maria I. Esta senhora, de aspecto gentil e de espirito cultivado, era, porém, dotada de animo pouco varonil, muito inclinada a praticas religiosas e pias, achando-se por aquelle facto collocada entre os escrupulos de uma consciencia timida, constantemente posta em sobresalto pelos que a cercavam e o respeito que devia á memoria de um pae, que sobre tudo amava.

Quando D. José morreu era seu ministro Sebastião José de Carvalho e Mello, 1.º conde de Oeiras e 1.º marquez de Pombal.

Tinha este nascido em Lisboa a 13 de maio de 1699, sendo baptisado a 6 de junho na egreja parochial de Nossa Senhora das Mercês, filho de Manoel de Carvalho de Ataide, commendador da ordem de Christo e capitão de cavallaria e de D. Thereza Luiza de Medonça e Mello, filha dos morgados de Souto d'el-rei. Pelos seus ascendentes era Sebastião José aparentado com parte da nobreza do reino, e pertencia a uma familia muito illustre, conhecida pela designação dos *Carvalhos da rua Formosa*, por causa das propriedades que possuia n'essa rua, constituidas em morgado, de que era cabeça o padroado da sua ermida de Nossa Senhora das Mercês, que todos conhecemos.

Frequentou Sebastião José, mas não concluiu, não se sabe bem porque, o curso juridico na Universidade de Coimbra. Entrou depois na carreira das armas, que tambem abandonou por causas não bem averiguadas.

Era de elevada estatura, bom parecer, dotado de força physica e de intelligencia robusta.

Muitos tem julgado que era frio, cru, e incapaz de sentimentos brandos, mas a sua vida desmente tal asserção. Na corte namorara-se de uma joven senhora, D. Thereza de Noronha e Almada, neta dos Condes dos Arcos, cuja belleza o seduzira, e sendo contrariado pela familia d'ella em suas pretenções, teve que raptal-a, lançando-se-lhe ella uma noite nos braços, de uma janella do historico palacio dos Condes d'Almada. Pouco felizes foram porém estes amores. A joven esposa falleceu algum tempo depois deixando ermo de afectos o coração do homem que a amara.

Fora nomeado socio da Academia Real de Historia Portugueza em 1733 e n'essa qualidade escreveu o *Elogio de D. Luiz Carlos Ignacio Xavier de Menezes 5.º conde da Ericeira, primeiro marquez do Louriçal, que falleceu em Goa a 12 de junho de 1742.*

Sendo mandado á côrte de Londres como ministro e enviado extraordinario, encarregado de negociações importantes, foi depois transferido para a côrte de Vienna, na mesma qualidade, demorando-se n'estas localidades alguns annos. Em Vienna realisou segundas nupcias com uma formosa dama da imperatriz, Leonor Ernestina Eva Wolfanda Josefa, condessa de Daun, filha do general conde do mesmo titulo.

Quando falleceu D. João V, uns dizem que por influencias da rainha, D. Marianna d'Austria, outros que por influencia do confessor do rei o padre congregado José d'Oliveira, foi chamado ao governo com o cargo de secretario de Estado dos negocios estrangeiros a 3 d'Agosto de 1750. Não obstante este cargo secundario elle soube começar logo a desenvolver os recursos da sua vasta intelligencia, e quando em 1755, no 1.º de dezembro, Lisboa foi destruida quasi completamente por um terremoto, a sua presença de espirito, a serie de providencias que aconselhou e promulgou deram-lhe a confiança inteira do rei, que o nomeou seu primeiro ministro.

Tinha então Sebastião José 56 annos de edade. Hoje toda a gente que a ella chega, se julga velho e deseja descançar, Sebastião José porém é então que começa o periodo da sua actividade, que só cessará aos 78 annos, não porque a fraqueza do espirito o abata, não porque a fraqueza do corpo o prostre, mas porque a nova côrte nem saberá comprehendel-o, nem terá força para sustental-o.

A serie das medidas e providencias tomadas durante os vinte e sete annos da sua administração estão hoje descriptas em muitos livros, tem sido ouvidas em muitas conferencias, e podem ver-se na collecção da legislação d'esse tempo; não é nosso proposito fallar d'ellas agora.

Fallecido D. José, conheceu logo o marquez de Pombal, que se devia afastar do governo, antes que lhe fizessem a desfeita de o demittir. Ainda assim a nova soberana e o seu concelho hesitou um pouco na maneira de consumar este attentado de lesa nação. A 4 de março era-lhe entregue o decreto que o dispensava do serviço, attenta a sua avançada edade e molestias, conservando-lhe o ordenado de secretario de Estado do reino, e fazendo-lhe mercê de uma commenda. Ao mesmo tempo entregava-lhe o ministro Martinho de Mello e Castro uma declaração em qûe se lhe dizia que Sua Magestade por ora só attendia á veneração que devia á memoria de seu pae, e não tinha ainda podido ser exactamente informada do que continham as memorias que o marquez lhe fizera entregar, com relação aos cargos que exercera e repartições que estavam a seu cargo, e que n'essa incerteza era da sua innata e real benignidade honral-o na fórma em que o fazia.

O marquez retirou da casa que habitava na calçada d'Ajuda e onde durante vinte e dois annos trabalhara com aquelle desprendimento, zelo e infatigabilidade que todos sabem, para o seu palacio da quinta de Oeiras, um dos tres que fundára, cujo aspecto geral a nossa gravura representa, onde recebera e hospedara os reis durante algum tempo, que havia decorado interiormente com riqueza e gosto, adornando de obras de arte importante, e onde creára um morgado, cuja carta de instituição é uma peça importante, curiosa e altamente significativa das suas idéas, do seu amor para com o povo que trabalha, e da sua dedicação á sua familia.

Pouco tempo depois instaurava-se processo ao marquez e era-lhe concedido ou intimado que se retirasse para a sua casa do Pombal. A visinhança da cidade parece que ainda amedrontava os homens do novo governo. Durante o tempo d'esse exilio era o velho ministro affligido por perguntas, ordens e interrogatorios a que tinha de satisfazer; e desde o momento em que no Pombal appareceu o primeiro magistrado a interrogal-o, entendeu dever cessar, como fez, toda a sua correspondencia particular, até com a familia. A 22 de março de 1780 a junta congregada para examinar o processo instaurado contra o marquez, dava um parecer em que as opiniões posto que um tanto encontradas de alguns membros da junta, deixavam bem transparecer a influencia da nova corte em desejar castigar o grande amor da patria e nobre iniciativa do marquez, se não fora a natural benignidade da rainha, a consciencia intima que lhe suggeria ser tal acto um crime, e a sua veneração para com a memoria do rei, seu pae, que iria ser offendido com uma sentença condemnatoria do seu primeiro ministro, que dera lustre e gloria ao seu reinado, e de cujos actos era o primeiro responsavel.

N'estas dilações curtia o marquez as angustias do exilio, na sua casa do Pombal, velho e doente, mas conservando até o ultimo instante, o animo forte, e no seu intimo, naturalmente, o desprezo por alguns que haviam sido seus auxiliares e hoje queriam ser seus verdugos.

Ha ainda do exilio um dito do marquez que denota o conceito que elle fazia dos homens que o substituiram.

Constando-lhe que haviam mandando arrancar do pedestal da estatua equestre o medalhão de bronze que contém o seu busto, e collocado em logar d'elle um navio, armas da cidade de Lisboa, limitou-se a dizer: « agora sim, que vae Portugal á vella ».

Foi D. Pedro IV em 1833 que reparou esta vergonha nacional, mandando repôr no seu antigo logar, aquelle medalhão, que por fortuna não haviam desfeito, e se achava guardado na camara municipal de Lisboa.

A morte porém que é o termo de todas as coisas, veio livrar o grande homem de mais uma iniquidade, a condemnação, ainda que não acreditamos que tal se pretendesse fazer, antes julgamos que as delongas do processo eram exactamente calculadas para que elle se não podesse terminar antes do fallecimento do marquez.

Decorridos cinco annos de tormentos moraes, finalmente a 8 de maio de 1782 cerravam-se os olhos do grande homem na sua casa e quinta do Pombal, contando oitenta e tres annos menos cinco dias de idade, e alli era enterrado sem pompa o 1.º marquez de Pombal e 1.º conde de Oeiras, o 1.º ministro d'el-rei D. José, Sebastião José de Carvalho e Mello, o poderoso ministro de D. José I.

Por esse tempo e depois, o povo, que, se não faz sempre justiça, muitas vezes tem o instincto do justo, com relação aos actos dos successores do marquez, fez um proverbio que dizia:

Mal por mal,
antes Pombal.

As nossas gravuras representam uma vista geral da villa do Pombal, a casa que ali foi residencia do marquez, e o palacio de Oeiras, sitios historicos ligados intimamente ao periodo de martyrio do grande ministro reformador.

TRASLADAÇÃO DOS SEUS RESTOS MORTAES

Desde que a morte envolveu o marquez de Pombal no seu palido sudario, o cadaver do grande estadista foi depositado simplesmente na capella d'essa villa. As idéas que vogavam na corte, e o procedimento que esta seguia para com o marquez, fizeram com que o seu enterramento fosse mais que modesto.

Alli permaneceu durante vinte oito annos o cadaver d'este varão illustre, soffrendo todas as contingencias da incuria nacional e do descuido dos seus parentes.

Os seus restos mortaes achavam-se mettidos em um caixão ordinario que o tempo e os homens foram estragando e desfazendo.

Quando Massena invadiu Portugal com o exercito francez em 1810, chegou ao Pombal, onde teve algum tempo o seu quartel general. O nome da terra recordou-lhe o grande ministro de D. José, e soube que os seus restos estavam na referida capella. Dirigiu-se a esta, e ficou espantado da irreverencia que via. A ossada do marquez, naturalmente já incompleta, jazia dispersa, o caixão completamente desfeito, sem que houvesse uma alma portugueza que se lembrasse de a recolher. A soldadesca ignorante, nada se importava com ossos velhos, mas o general conhecia e sabia como se devem honrar estes depositos venerandos. Faz juntar os ossos espalhados, recolhe-os a um caixão que mandaguardar convenientemente, e colloca-lhe sobre a tampa, a seguinte inscripção: «Soldados, respeitae as cinzas do maior heroe da Europa, que, se fora vivo, nós não estariamos aqui ».

Este tardio epitaphio e testemunho de respeito de um estrangeiro invasor contrasta singularmente com a indifferença portugueza.

Em 1848, um joven enthusiasta, que depois foi distincto professor no Lyceu do Funchal, o sr. Dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, publicava

um pequeno trabalho *O livro de um democrata*, que então e depois teve muita voga, e foi avidamente lido pela geração nova, onde estes factos eram relatados, e verberada a incuria nacional com phrases vigorosas e pungentes. Fosse este o grito de alarme, fossem outras as causas, começou a fallar-se no assumpto com certa insistencia, assim como tambem se começou a perguntar pela ossada de Philinto Elysio, trazida de Pariz, e que tinha andado por umas gavetas do ministerio do reino e da Sé. Finalmente ao cabo de alguns annos tratou-se da trasladação dos dois despojos, o que veiu a realisar-se no mesmo anno e mez com alguns dias de intervallo. Começava a epocha das grandes reparações historicas.

A 1 de junho de 1856 chegavam a Lisboa em honroso prestito os restos mortaes d'aquelle que a erguera do tumulo, e que de uma cidade irregular, acanhada e meia arabe, fizera uma cidade vasta, larga e bella, que é o mais grandioso templo elevado á sua memoria.

Fizeram-se-lhe solemnes exequias e foi o cadaver depositado na capella das Mercês pertencente aos marquezes de Pombal. O bisneto honrava os ossos do seu grande antepassado.

Disse-se então, e é ainda opinião geral que entre aquelles ossos apenas ha um ou poucos que pertençam ao velho marquez; era isso facil de verificar.

Em um caixão modesto, sobre dois desgraçados elephantes, jaz o que resta do grande homem de estado. A nossa gravura deixa bem vêr que ainda aqui não tem havido todo o cuidado na conservação do sarcophago, e d'isso se pode ter convencido quem tenha entrado algumas vezes na capella de Nossa Senhora das Mêrces. E' difficil, a quem alli vae, saber onde repousam os restos do grande ministro, mas, chegando á capella-mór, ao lado direito do altar, e esquerdo do visitante, verá um panno velho e sujo, de aspecto ordinarissimo, que tapa o que quer que seja: debaixo d'essa cobertura indigna é o deposito arruinado do que resta do 1.º marquez de Pombal. Basta olhar para a gravura para vêr os estragos que o jazigo tem soffrido.

Quando se tratou da celebração do centenario do grande marquez, a commissão academica havia obtido do actual sr. marquez auctorisação para a trasladação com solemnes exequias, d'aquelles restos para o templo de Belem. Não era muito acertada a lembrança, mas era nobre e patriotica; o sr. marquez consentira de bom grado, mas depois não sabemos porque escrupulos de consciencia, negou essa auctorisação.

Por tanto ali estão e ali ficarão esses venerandos restos. Não podendo nós deixar de consignar aqui um facto singular, estranho e unico na historia: a nação portugueza quer celebrar com todo o brilho a memoria de um grande varão, ha porém uma opposição contra esse acto, e essa é levantanda pelos descendentes, salvo honrosissimas excepções, d'esse notavel cidadão.

Isto define os homens e os tempos.

J. B.

OS PRIMEIROS AMORES

DO

MARQUEZ DE POMBAL

I

E' conhecida a historia galante d'esse enorme vulto, que se destaca brilhantemente d'entre os primeiros e os mais notaveis homens do seculo XVIII.

Elle era alto, elegante, de uma grande galhardia de presença, e de um grande arrebatamento de animo.

A sua notavel superioridade assignala-se d'esde os primeiros annos, a par dos mais intrepidos e dos mais intrepidos rapazes do seu tempo, entre os quaes a primeira qualidade a dar jus a uma invejavel celebridade, era a valentia.

Sebastião José de Carvalho e Mello soube depressa conquistal-a de maneira que raros se atreviam a contestar-lhe o direito em que a affirmava com todo o vigor do seu pulso, e toda a pujança da sua robustez.

Depressa se viu rodeado de um bando de brigões e bulhentos fidalgos e peraltas da devota côrte do freiratico rei.

Chefe supremo d'esse pequeno exercito nocturno, que era por essas noites temiveis da rachitica e immunda Lisboa de então, o terror dos homens bons, peiões da reles vilanagem da velha cidade, não conhecia quem ousasse medir com elle forças n'esses recontros nocturnos, além do infante D. Francisco, que por sua elevada categoria, e de mais prendas, se dava a liberdade de andar por essas ruas com seus lacaios e parciaes a apalpar impunemente as costellas dos leaes subditos, a quem as reaes pragmaticas nem permittiam para defeza propria o uso de armas.

Mas porque o animo do esforçado lidador não admittisse que o seu adversario lhe suppozesse a minima sombra de medo, em qualquer parte onde o topasse—vestiu-se elle e os seus de branco, desde o capote até o chapeu, desde os calções até aos sapatos, para que o vissem bem de longe, e bem de longe o temessem.

D'este modo favorecia os timidos, e castigava os pimpões.

E a fama das suas proezas chegava a ponto de provocar as invejas dos maiores brigões da Ribeira, d'esses que tinham dado a volta ao mundo, e provado nas Indias o seu denodo façanhudo.

Quando estavam galeões no Tejo, o bando branco via-se assaltado por tripulações em massa, que vinham a terra offerecer-lhe batalha em pleno Rocio, mesmo nas bochechas dos frades de S. Domingos, que não se atreviam n'essas noites tormentosas a dar a sua fugida ás casas fidalgas e devotas, aonde a cubiça do joguinho, e as gulodices da ceia opipara attrahiam suas reverendissimas.

Mas, d'essas richas, nunca, que a alguem constasse, os do bando de Sebastião de Carvalho ficaram de mal.

Ao contrario, em cada uma d'ellas mais se lhe exaltava o renome.

De sorte que o valente chefe, cujo garbo e gentileza estavam a par do dextro braço e do rijo pulso, começou de ser fallado nos saraus e nos salões da élite lisbonense.

Poucas damas haveria na boa sociedade, que não houvesse, por uma vez e com todo o recato a que obrigavam as boas conveniencias, dirigido olhares de apaixonada admiração pelo galante lidador, ao vel-o, garboso e gentil, passar nas ruas, ladeado dos mais celebrados peraltas da faustuosa côrte, de D. João V, destacando-se d'elles todos de uma maneira tal, que não era preciso conhecel-o para ser desde logo adivinhado.

Mas d'entre essas damas que o desdem do moço gentillissimo fulminava, uma houve que sobre todas lhe captivou singular e excepcionalmente o coração.

Era essa dama formosissima—por suas qualidades naturaes de espirito e belleza distinctissima—a sobrinha do conde de Arcos, D. Thereza de Mendonça e Almada.

Devia de ter ella qualidades muito superiores, espirito de muita ardencia, decidida deliberação, genio muito altivo, muito insubordinado, digamol-o assim, para que no moço leviano e desrespeitoso de velhos preconceitos que odeava—actuasse a ponto de lhe despertar no coração um sentimento para elle até ali novo e estranho; sentimento enorme, que aliás basta a exprimir em todo o fervor eloquente e em todo o colorido da paixão, esta simples palavra «amor».

II

E desde que essa palavra saiu dos labios d'aquelle rapaz desenvolto e brigão, nunca mais os do seu bando tiveram chefe para correr catraeiros e marujos, e justar de vencida com fidalgos e lacaios.

Causou estranheza este facto, e tanto mais que desde então o bulhento moço se começou de afeiçoar singularmente aos bons e sabios dominicanos.

Que fosse amigo de frades o rapaz, nunca o dera a perceber.

D'ahi a natural desconfiança dos que o conheciam e tratavam mais de perto, a qual os levava a affirmar em que não ia ali por bom o rapaz, ao palratorio dos frades, e ás cellas do convento onde elles estragavam o seu latim e entretinham a sua ociosidade.

E d'esta prevenção natural, tambem suas reverendissimas participavam.

Quando elles viram lá por casa o endiabrado Sebastião de Carvalho, a cumprimental-os muito, procurando captival-os com as suas attenções e cortezias, puzeram-se logo de atalaya, com o credo na bocca, e a caldeirinha da agua benta á mão.

Mas pouco a pouco se foi ensinuando o ladino, a ponto de alguns já perguntarem de boa fé se elle quereria entrar para a ordem, ou se elle teria sido tocado pelas chammas do divino amor, que o chamava d'aquelle modo contricto e humilhado á casa de Deus vivo.

De opinião contraria a esta, era todavia o guardião.

E tanto fez elle por affirmal-a e robustecel-a com a positiva eloquencia dos factos, que um bello dia, achando-se o padre mestre da ordem em conferencia, entrou o guardião a interrompel-os, traduzindo nos gestos e esgares uma grande surpreza e indignação.

—Que tendes vós, irmão em Christo.

—Tenho que estou banzado.

E quiz citar não sei que versiculo da biblia ao que o prudente padre mestre se oppoz, para evitar barbarismo na recitação do latim; e heresia brava na applicação do texto.

—Querem saber ao que vem cá o libertino Sebastião?

Não foi preciso esperar que lhe respondessem.

—Vem, proseguiu elle, possuido do espirito de satanaz, tentar as virgens do senhor.

Esta allusão ás virgens tentadas n'um convento de frades, pareceu grande escandalo ao geral, que abriu muito os olhos e suspendeu a pitada, a meio caminho do nariz, para dizer:

—Irmão, explique-se em estylo menos figurado. Que tentações são essas de que falla a sua bocca?

Elle então em ar de grande humildade, com os braços cruzados, o corpo dobrado ao meio, referiu que Sebastião de Carvalho atravez das grades da cella de frei Antonio da Consolação, se correspondia por signaes diabolicos com uma das sobrinhas do excellentissimo conde de Arcos cujas janellas do palacio defrontavam com as do convento.

—E frei Antonio da Consolação que diz a isso?

—Não diz nada. Que ha-de elle dizer, se, como sabe vossa paternidade, é quasi cego.

Foi em consequencia d'este facto, grande arruido pelo convento.

Preveniu-se frei Antonio para que ao menos de futuro puzesse oculos quando houvesse de receber visitas, e prohibiu-se a Sebastião de Carvalho, não só o engresso nas cellas dos frades, como ainda para alem da portaria.

Em termos mais positivos: foi posto na rua e o guardião é que, pela zanga e má vontade que tinha ao peralta, se encarregou do desempenho da desagradavel missão.

Não protestou a victima, antes com docilidade seraphica se mostrou humilde e submisso.

E' que lhe restava ainda, como ultimo reducto, a portaria do convento, e essa estava elle resolvido a conservar a todo o transe.

Ahi se instalou com tamanha teimosia, que os frades começavam já a desesperar de o removerem d'ali para fóra.

Alguns mais timoratos nem se atreviam a sair do convento, e o guardião só dentro da sua cella se julgava seguro.

N'isto deu-se parte do occorrido ao conde de Arcos, para que elle admoestasse a sobrinha, e puzesse cobro ao escandalo.

Mas o leigo que levou a carta, encontrou-se por má sorte sua com um dos parciaes de Sebastião de Carvalho, que já ao tempo tinha boa policia e recolheu, coitado, queixoso ao convento com um braço partido.

Estava a ponto de reunir Capitulo para se tomar deliberação mais efficaz, do que a das queixas ao conde, quando se recebeu carta de sua excellencia, em que a par de muitas phrases de reconhecimento, pelo zelo que o aviso inculcava, se garantia em termos positivos a terminação do escandalo.

Ora *Te-Deum laudamus.*

E os frades chegaram a condoer-se da triste sorte do infeliz moço.

III

Por casas fidalgas e privilegiadas sempre havia de sobra valentões provados em todas as especialidades da pimponice, que por lisongearem os fidalgos, e lhes serem agradaveis, ousa-

ENIGMA

Alfredo Xavier Coelho.

Explicação do enigma do numero antecedente:

Ida de João Gomes foi em sella e tornou em alforges.

riam commetter toda a casta de atrocidades, de violencias e de crimes.

Foi a esses valentões que o conde de Arcos recorreu, associando a elles os seus proprios lacaios, que tambem não era gente de melhor tempera, afim de que todas juntas inflingissem uma boa lição, bem severa, a Sebastião de Carvalho, e o moço galanteador se dissuadisse do libertino proposito em que andava de lhe desencaminhar a sobrinha dos bons fins da obediencia paterna.

Não poupou elle promessas, nem dinheiro, nem todos os recursos da sua influencia pessoal, que era muita e bem poderia assegurar áquelles sicarios professionaes do crime, não só o bom exito da empresa, como a impunidade do commettimento, caso elle houvesse de ter mais serias consequencias.

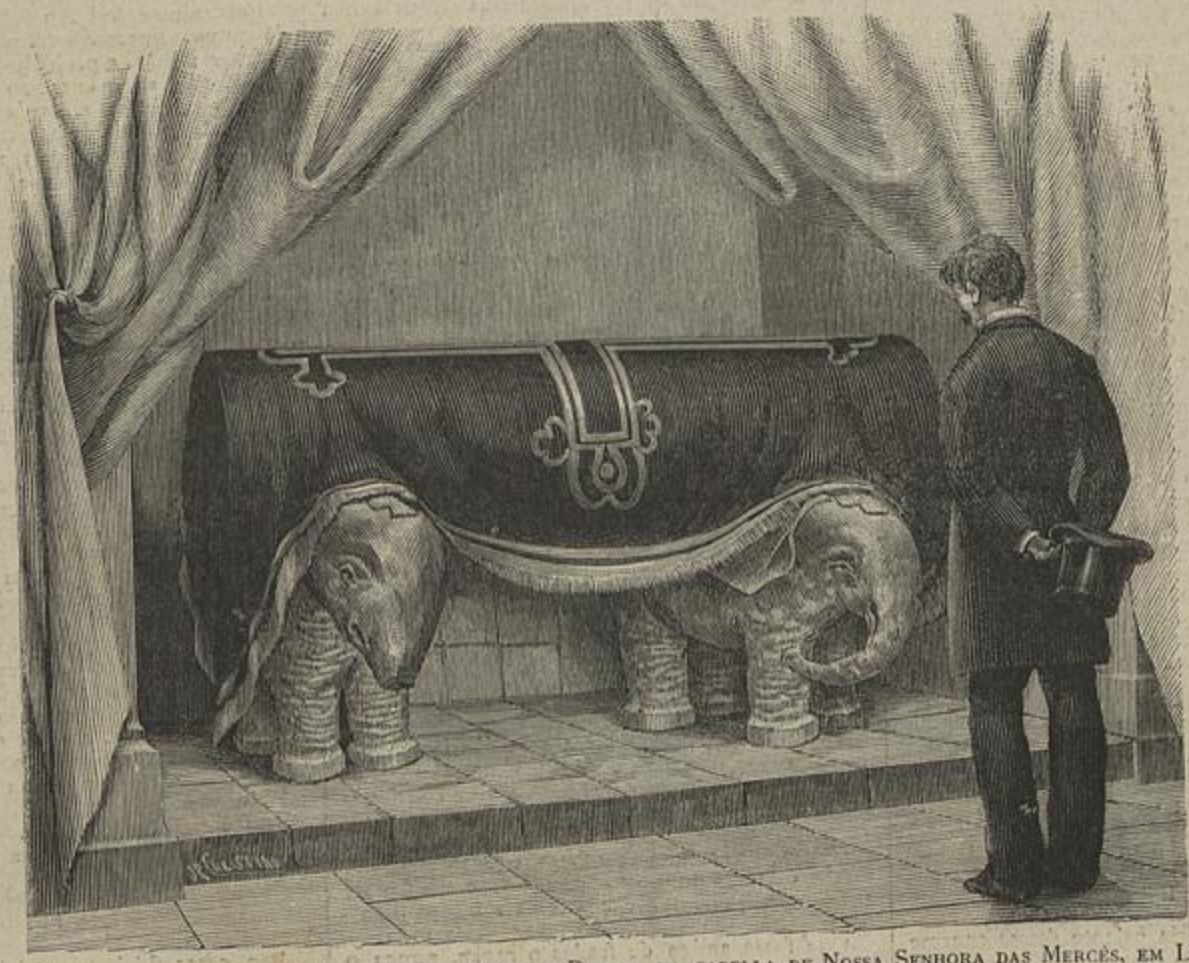
Poz-se a malta em campo, e temivel e arrogante de petulancia se apresentou; mas já era esperada e ainda melhor foi recebida...

Recolheram todos estropiados e corridos da primeira refrega, lastimosos da tosa, doridos da espinha, furiosos, capazes de tudo, menos da desforra desejada.

MORTE DO MARQUEZ DE POMBAL

CASA ONDE FALLECEU O MARQUEZ, NA VILLA DE POMBAL

(Desenho do natural de A. Ramalho)



CAIXÃO ONDE SE GUARDAM OS RESTOS DO MARQUEZ DE POMPAL NA CAPELLA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS, EM LISBOA

(Desenho do natural de J. Christino)

E o conde de Arcos ainda viu d'esta vez o seu plano malogrado.

— Dá-se cabo d'elle.

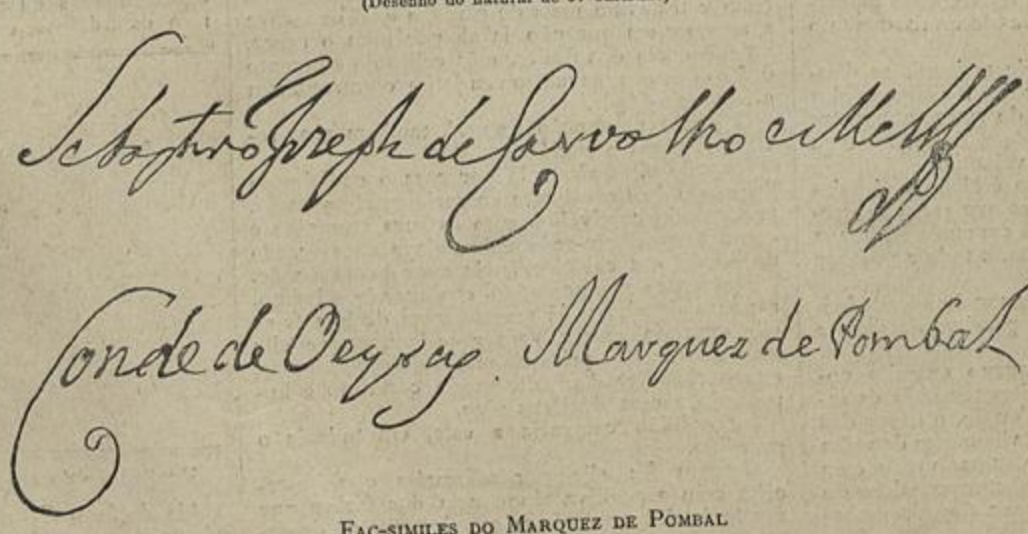
— Estafa-se.

— Faz-se-lhe uma espera.

Mas nenhuma d'essas tentativas logrou vingar a primeira affronta recebida.

Afinal o conde convenceu-se de que, por aquelle modo, a continuarem as coisas assim, não encontraria um criado que o service, nem um lacaio que se prestasse a receber soldada de tal amo.

Quando algum apparecia na rua, era de tal sorte corrido, que, se o desgraçado não tivesse pé leve, só de maca lhe seria permittido voltar a casa.



FAC-SIMILES DO MARQUEZ DE POMBAL

Este estado de coisas tornava-se impossivel.

Então mudou de tatica o conde de Arcos e intimou á sobrinha ordem terminante de se recolher a um convento.

Quando porem, n'isto se lidava, e n'uma bella manhã, ao ser procurada nos seus aposentos, D. Theresa d'Almada tinha desapparecido!

A janella do quarto estava aberta, e do peitoril da escada, via-se suspenso um lençol de finissima bretanha.

Nem tanto era preciso para que se comprehendesse a situação.

D. Theresa tinha fugido da casa paterna para os braços do amante.

Similhante deshonra manchava toda a familia e guardou-se d'ella o mais absoluto sigilio, na esperança ainda de encontrar os fugitivos.

Entretanto Sebastião de Carvalho deixou de apparecer na portaria do convento e o guardião, cheio da mais viva impaciencia, apressou-se a ir dar conta do caso ao conde e agradecer-lhe a sua intervenção efficaz, que tinha posto cobro áquelle escandalo.

— Como quer vossa reverendissima que ella appareça, respondeu irado o conde de Arcos, se o libertino ha dois dias que fugiu com minha sobrinha?!

E casou com ella, poderia acrescentar, porque a esse tempo já Sebastião de Carvalho e D. Theresa d'Almada haviam feito santificar perante o altar, esses laços purissimos do ardente amor que se votavam.

Leite Bastos.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882. Lallemant Frères, Typ. Lisboa
6, Rua do Thesouro Velho, 6